



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Fazer-aprender Filosofia à luz do pensamento galeffiano: uma perspectiva dialógica-reflexiva

Zenilton Fernandes^{6 7}Zenilton10@globomail.com

Resumo

O presente texto faz parte da investigação *Fazer-aprender Filosofia: uma mediação dialógica no ensino médio, numa perspectiva interdisciplinar*, sustentando-se teoricamente na proposta filosófico-pedagógica do educador Dante Galeffi, para o “aprender a ser”, o qual desdobra-se em: aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar, aprender a escrever. O objetivo primacial é a compreensão do “fazer-aprender filosofar”, enquanto práxis pedagógica, numa perspectiva dialógico-reflexiva no sentido de o estudante construir o seu conhecimento e a si mesmo, de forma própria e apropriada, autônoma e inventiva.

Palavras-chave: Aprender a ser; Atitude aprendente; Atitude filosófica.

Resumo

Tiu teksto estas parto de la esploro Fari-lerni Filozofio: la dialogeca mediacio en mezlernejo, interfaka perspektivo, daŭrigado teorie la filozofia kaj pedagogia propono edukisto Dante Galeffi al "lerni esti", kiu disvolviĝas en: lernu agi, lernu pensi, lerni paroli, lernas skribi. La ĉefa celo estas kompreni la "fari-lerni folozpfi" kiel pedagogia praxis, estas dialoga-refleksiva perspektivon al studentoj konstrui ilian scion kaj mem, propra kaj taŭga, aŭtonomaj kaj inventema maniero.

Ŝlosilvortoj: *Learning esti; Lernanta sinteno; Filozofian sintenon.*

Abstract:

This text is part of the research "Make-learn philosophy: a dialogic mediation in secondary education in an interdisciplinary perspective." It is theoretically sustaining in the philosophical and pedagogical proposal of Dante Galeffi educator, to "learn to be", which unfolds in: learn to see, learn to think, learn to speak, learn to write. The primatial aim is to understand the make-learn philosophy, while pedagogical praxis, in a dialogical-reflexive perspective, toward the students build their knowledge, and themselves, in a proper appropriate, independent and inventive way.

Key words: *Learning to be; Learner attitude; Philosophical attitude.*

⁶ Possui graduação em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), graduação em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira (FBB) e especialização em Ensino de Filosofia No Ensino Médio (UFBA). Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq): Epistemologia do Educar e Práticas Pedagógicas, na linha de pesquisa Epistemologia Transdisciplinar da Complexidade - EpisTransComplex (UFBA - estudante)

⁷ Orientador: Me. Edmilson de Sena Morais - professor da Universidade do Estado da Bahia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Introdução

A inserção de determinada área do conhecimento no currículo escolar não requer apenas uma decisão de uma determinada política educacional, mas é um processo tenso, o qual envolve lutas, enfrentamentos e decisões dos poderes instituídos na sociedade. A presença do ensino de Filosofia no Ensino Médio foi construída de idas e vindas.

A Filosofia até meados da década de 1970, estava inserida no currículo de uma escola secundária elitizada, portanto, com um contingente diferenciado, possuidor de um capital cultural que possibilitava um melhor trânsito pela linguagem desse campo do conhecimento. A partir de 2008 com a sua reintrodução obrigatória no Ensino Médio, e com a democratização do acesso à educação, o ensino médio passou a receber muitos sujeitos de *estratos sociais* mais desprovidos que, antes, a ela não tinham acesso. Boa parte desses sujeitos se encontrava em escolas públicas com pouca qualidade de ensino, com deficiências em relação ao ponto de vista cultural, lingüístico e cultural. (RODRIGO, 2009).

Essa problemática ocorre, pois, historicamente, o conhecimento filosófico é uma forma erudita de cultura e, em tese, poucos a ele tiveram acesso e, quando passaram a tê-lo, sentiam dificuldades cognitivas, o que requeria mais empenho por parte dos envolvidos. O aspecto positivo é que a Filosofia, no ensino médio, possibilita a difusão do saber filosófico para um público mais abrangente, democratiza o acesso a esse conhecimento e a cultura por ser um direito de todos e não um privilégio para poucos.

De acordo com Rodrigo (2009), para que essa forma de conhecimento mais elaborado seja disseminada a estratos sociais não afeitos a um pensamento mais abstrato é necessário uma simplificação, ou seja, traduzi-lo em um vocabulário mais simples, com conceitos e problemas em uma linguagem acessível aos estudantes do ensino básico.

Este é um ponto de tensão, haja vista que o que se chama de facilitar a cultura filosófica pode se reduzir em um manual de banalidades. Como conseguir operacionalizar essa transposição didática, sem cair numa demasiada simplificação do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento erudito para estudantes, em sua maior parte, com sérias deficiências culturais? Como iniciar esse público discente a um tipo de conhecimento que requer mais autonomia intelectual?

Conforme Ligia Rodrigo (2009, p. 3), um perfil de estudante da escola pública, por serem mais numerosos e onde se “encontram as maiores carências educativas e dificuldades de aprendizagem”. Neste espaço educativo acontece a mediação pedagógica, no qual o mediador deve observar um jeito adequado na transposição didática, fazendo com que o conteúdo tenha sentido para os educandos.

Com referência à didática, Ligia Rodrigo (2009), nos esclarece:

Será preciso conceber estratégias didáticas que facilitem a superação da distância existente entre as exigências teóricas do saber filosófico e a formação educacional de boa parte dos alunos oriundos dos segmentos sociais menos favorecidos, justamente os que mais precisam de ajuda ou intermediação com vistas ao seu aprimoramento intelectual. Para não pagar o preço da descaracterização da filosofia, torna-se imprescindível adotar procedimentos didáticos que sejam especificamente filosóficos. (RODRIGO, 2009, p. 3-4).

Em relação à didática, é recomendado observar o equilíbrio na busca de superar distâncias, da questão teórica e do contexto social e educativo dos educandos, sem perder de vista procedimentos didáticos e filosóficos, os quais possibilitem a experiência dialógica e reflexiva, a fim de que “a atitude filosófica seja o foco primordial do trabalho filosófico na educação básica”. (GALEFFI, 2008b, p. 1).

Dante Galeffi (2001) vê com preocupação o ensino de Filosofia, uma vez que, como professor da Faculdade de Educação (FACED/UFBA), ministra aulas para estudantes da Licenciatura em Filosofia, atuando no Componente Curricular *Metodologia e Práxis Pedagógica em Filosofia I e II*, entre outras e, desse modo, conhece com propriedade a realidade dessa disciplina na Educação Básica. Ele afirma: “Não é preciso ir muito longe para se poder constatar o inadequado modelo formador do atual professor de filosofia”. (2001, p. 41).

De acordo com Galeffi (2001), basta visitar as diversas salas de aula dos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

professores de Filosofia, licenciados na área ou não, para perceber certa inadequação no ensino dessa disciplina. Os professores muitas vezes focam muito na sua historicização, com os principais pensadores, e descuidam de instaurar uma aprendizagem movida por interlocução, a qual conduza a um filosofar dialógico-reflexivo e condizente com o nosso atual contexto histórico.

Evidentemente, há professores comprometidos com a docência filosófica e que trabalham com dedicação, pois cada disciplina requer um cuidado especial, desde o momento da seleção dos conteúdos a serem discutidos durante o período letivo ao aprofundamento epistemológico do educador, sua abordagem do conteúdo na sala de aula, atividades propostas, forma avaliativa, relação educador-aprendente.

É nessa perspectiva que abordaremos a proposta galeffiana para o “aprender a ser”, que se desdobra em: “aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar, aprender a escrever”, fundamentalmente, de forma que se alcança a autonomia do sujeito através da “atitude aprendente”, sempre como “ser-sendo” e “ser-mais.” (GALEFFI, 2001; FREIRE, 2002b), ou seja, um “poder-ser livre”. Este é o âmbito da aprendizagem – o ser, autônomo e inventivo, em seu caminho formativo próprio e apropriado. (GALEFFI, 2001).

A proposta galeffiana para o aprender a ser

No texto *Filosofia da Educação: esboço de uma fusão polilógica-fenomenológico-analítico-dialético-pragmática*, o educador Dante Galeffi faz uma proposição da Filosofia da Educação numa compreensão polilógica, isto é, uma fusão das principais correntes filosóficas do século XX. A essência do pensamento galeffiano, em síntese, é a construção de uma ciência do educar como teoria da ação como possibilidade de uma re-invenção da dimensão antropológica contemporânea, um discurso não-verdadeiro conclusivo. (GALEFFI, 1999).

A apresentação da teoria educativa, como fusão polilógica sustentada numa atitude de investigação fenomenológica, põe-se como um discurso filosófico-educativo da construção do “sentido-sendo” do que foi pensado por ele, num convite para a

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

abertura do aprender a ser, próprio e apropriado. (GALEFFI, 1999). Essa perspectiva pedagógico-filosófica germina da sua própria práxis “educacional-vivida” e nutrida por uma inspiração. A intenção principal “[...] abre-se diante de uma analítica da *pre-sença*”, tendo como “interlocutores mais persistentes Heidegger e Nietzsche”. (GALEFFI, 2001, p. 47).

O autor critica uma visão epistemológica tendo como fundamento apenas um sistema ou sistemas da Filosofia, porquanto pensar dessa forma atribuiria ao pensar filosófico um caráter normativo e doutrinal, a Filosofia perderia a sua essência, enquanto campo investigativo autônomo e aberto. “Do ponto de vista de uma maior disposição para acolher a diferença ontológica, é preciso um contínuo empenho de compreensão que não se satisfaça nunca com o já vivenciado, mas que também abomine a novidade pela novidade”. (GALEFFI, 2001, p. 34).

Galeffi (1999, 2001) propõe a necessidade de se pensar uma outra filosofia da “diferença ontológica” para o Ensino Médio, acolhendo a “pluridiversidade” do filosofar, numa desconstrução do eurocentrismo como pensamento hegemônico ou como se não se pudesse filosofar fora desta matriz epistemológica, porque o pensar é uma característica própria da espécie humana e não um privilégio de um determinado grupo étnico.

Dessa forma, temos outras experiências de pensamento: a Filosofia latino-americana, a Filosofia afroperspectivista. (CABRERA 2013; DANTAS, 2015). Ou mesmo, outras referências do filosofar consequente, sem estar vinculado a um poder epistêmico eurocêntrico, como se fosse impossível pensar fora deste paradigma filosófico.

Para Dante Galeffi (2001), notamos que, é mais importante a experiência do pensamento num “caráter autônomo e aberto”, pois, sem isso, segundo ele, a Filosofia se transforma “numa instituição burocrática”. Pensar, dessa forma, para Galeffi (2001), se transformaria num exercício hermenêutico em âmbito fechado, impedindo de vislumbrar, pela inventividade a novidade que se desvela constantemente na dialética da história humana.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Outra crítica é em relação ao ensino da Filosofia no Ensino Básico, no qual, muitas vezes, os docentes ocupam o tempo pedagógico apenas historicizando a Filosofia sem relacioná-la com a atualidade e as problemáticas nas quais vivemos, fazendo com que as aulas sejam “[...] desinteressantes e inadequadas à realidade sócio-histórica [...]” (GALEFFI, 2001, p. 42). Daí pensarmos as identidades dos sujeitos aprendentes, os luzentes, a fim de os conhecermos melhor, com os quais interagimos na sala de aula para respeitarmos o modo de ser do educando em sua alteridade e aprender a dialogar com ele, a partir das suas cosmovisões.

Isso não significa que não devemos trabalhar a história da Filosofia, mas sim que esta deve ser discutida relacionada à atualidade, às problemáticas vigentes, numa perspectiva dialógico-reflexiva como uma possibilidade de suscitar nos sujeitos cognoscentes a experiência do pensar, lendo como os outros pensaram e aprendendo com eles, discutindo na sala de aula, enquanto relaciona tudo a sua realidade e à suas experiências pessoais de forma “própria e apropriada”. (GALEFFI, 2001).

Aprendendo a compreender/viver o currículo não como algo a ser assimilado e reproduzido passivamente, porém como um artefato (texto) propositivo a ser problematizado, a fim de que os sujeitos produzam o currículo, conceitos, significados (SILVA, 2002) e aprendam a ler o mundo e a tomar decisões, as quais aprendem decidindo.

Segundo Paulo Freire (2002),

[...] A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em **experiências estimuladoras da decisão** e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade. (FREIRE, 2002, p. 121 grifo nosso).

A proposta pedagógico-filosófica de Galeffi é condizente com a proposta do livro *Educação: um tesouro a descobrir*, sob a coordenação de Jacques Delors, em que, a práxis pedagógica poderá ter como objetivos: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser os quais serão o substrato no processo formativo na escola e para a vida. Estas diretrizes para a construção do conhecimento estão imbricadas para atingir uma formação holística do humano. (DELORS, 1998).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Numa inspiração “para aprender a ser” do sujeito autônomo e crítico, condizente com Freire (2002), Jacques Delors propõe como uma das metas para a educação do século XXI:

[...] A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa. [...] Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (DELORS, 1998, p. 99).

Pensamos com esses autores, Freire (2002), Galeffi, (2001) e Delors, (1998) que a educação para o nosso século deve ser pensada numa formação para o ser gente, levando em conta a dignidade da pessoa humana, numa contribuição para enfrentar a coisificação do ser humano, isto é, determinados interesses egoístas, os quais se manifestam através de ideologias ou mecanismos e discursos de manipulação de uma pessoa ou instituições políticas ou econômicas.

A partir de agora passamos a apresentar a proposta filosófico-pedagógica do professor Dante Galeffi para o “fazer-aprender” Filosofia. “[...] o conhecer filosófico é a abertura para a construção daquilo que cada um pode tornar-se, em sua *decisão* de ser pessoa livre. A filosofia [...] é uma disposição para o acontecimento do [...] nosso ser-no-mundo-com”. (GALEFFI, 2001, p. 35). E em relação ao aprendizado da filosofia o essencial “é o próprio acontecimento do pensar” (p. 35).

A concepção galeffiana para o aprendizado da Filosofia desconsidera o “ensino da filosofia”, pois parte do pressuposto de que filosofia não se ensina, e essa convicção germinou da sua própria experiência pedagógica. Aprender a filosofar tem a ver com a vida do próprio sujeito, num contínuo “ser-sendo-no-mundo-com”. O “ser-sendo”, através do conhecimento de si mesmo, num diálogo com a sua realidade, atribuindo sentidos à sua existência, fazendo da mesma uma arte “inventiva”, destarte o “fazer-aprender a ser” é a sua tese fundamental – “[...] a filosofia é um movimento de *compreensão poemático-pedagógica própria e apropriada* [...] algo de novo no campo específico do *fazer-aprender* filosofia. (GALEFFI, 2001, p. 37).

A nossa proposta não pretende resolver a questão do aprendizado de filosofia sem antes assumir ela mesma a radicalidade do *fazer filosofia* como caminho dialógico que acolhe (pensa) o ser do ente em uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreensão poemático-pedagógica radical. Falamos, então do ‘quê’ da filosofia como radicalidade de pensamento. Respondemos ao ‘que’ como um fazer inventivo, que ao fazer descortina e reinventa a instituição do sentido do sendo-ser-humano. Nesta perspectiva, filosofar significa: lançar-se no primado do ser-sendo, pelo exercício de compreensão que é tornar-se próprio e apropriado [...] o próprio ser-sendo. (GALEFFI, 2001, p. 37).

Compreendemos que a “poemática-pedagógica” nos remete a um “fazer-aprender”, especialmente, a um filosofar próprio e apropriado para cada um, em sua decisão de trilhar a Filosofia como caminho dialógico para o autoconhecimento, filosofar significa lançar-se no primado do “ser-sendo”. Todo o lastro filosófico produzido pela humanidade é um patrimônio intelectual, com o qual pode e deve, quem o desejar, construir um pensamento rigoroso ao se debruçar sobre o mesmo problematizando-o.

No percurso formativo cada um deve procurar desenvolver o seu pensamento de maneira consequente – “própria e apropriada”, por meio das muitas leituras e de um recolhimento reflexivo e modo inventivo para aprender a (re)ver o mundo. Para Galeffi, a Filosofia é compreendida não somente como referência ao passado e instituída, mas, também, como acontecimento do presente e “a-se-pensar”, uma atividade aberta à construção e compreensão dos problemas antropológicos vigentes. Assim, filosofar é pensar, dialogar e (re)criação do “ser-sendo-no-mundo-com.” A Filosofia é vista “como tarefa de investigação do que há de ser realizado daqui para a frente.” (GALEFFI, 2001, p. 38).

Segundo Galeffi (2001, p. 40),

[...] A função da filosofia não é normativa e sim formativa: não se trata de inventar o que os outros devem pensar do que seja a filosofia, e nem muito menos de forçá-los a fazer o que não compreendem; mas trata-se de inventar o próprio filosofar como *vitaactiva* – ação de fazer-se a si mesmo na estruturante relação com os outros e com o mundo; assim, trata-se de aprender a filosofar, isto é, a tornar-se livremente determinado a aprender a ser-no-mundo-com.

De acordo com Galeffi (2001), esse é um momento ousado do sujeito histórico e aprendente a filósofo, dar o salto para a *vitaactiva*. Galeffi concebe a Filosofia como uma ruptura com os sistemas filosóficos já determinados e desconexos com os acontecimentos significativos. Ninguém terá que pensar para o outro e, nesta

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreensão, a importância da Filosofia é “aprender e “inventar o próprio filosofar”, quando a pessoa vive imerso, em seus problemas significativos.

Dessa forma, aprender a filosofar é aprender a viver no mundo com os outros, é aprender a ser próprio, cada um em seus contextos distintos. Para Galeffi (2001) a “poemática-pedagógica” não remete a uma lógica científica; entretanto, no lastro do pensamento fenomenológico⁸ e nietzschiano, remete a existencialidade do sujeito, o qual sempre aprende a “ser-sendo”.

Deste modo, a proposta do “fazer-aprender” filosofia, na Educação Básica, é que os sujeitos construam um aprendizado filosófico que é o aprender a pensar, e cada sujeito aprender a ser, o qual se desdobra em outras ações: aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar, aprender a escrever. Portanto, este é objetivo primordial na filosofia ministrada nas escolas; desta maneira explicitamos – “o ser-sendo” da Filosofia. (GALEFFI, 2001).

A maneira de abordar a questão levantada por Galeffi (2001) sobre a aprendizagem do filosofar está envolvida numa concepção de compreensão, a qual aponta para o modo de ser do homem no mundo, considerando que o mesmo é um ser sócio-histórico. Uma vez que o ser humano compreende previamente a sua existencialidade, cria condições de se tornar aquilo que é - o “poder-ser”. A partir disso produz um sentido-interpretativo do seu “ser-no-mundo-com”. O ser humano é capaz de interpretar a si mesmo no contexto no qual vive, “[...] viver sua vida, na medida em que ele mesmo a inventa [...]” (GALEFFI, 2001, p. 248) e construir a sua vida presente-futura.

Dessa maneira, compreender, para Dante Galeffi, é interpretar e inventar a própria existência para “poder-ser”. “Aprender a ser” é uma expressão importante e perpassa toda a sua proposta “poemática-pedagógica” do “fazer-aprender Filosofia”. Enfim, este aprendizado do filosofar é *um compreender-se e um projetar-se*, um modo de ser que está conectado com a própria vida e não pode se circunscrever apenas a uma técnica didática.

⁸ Edmund Husserl, Martin Heidegger e o próprio Galeffi num pensamento apropriador.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A pedagogia para o fazer-aprender filosofia

A produção acadêmica mais recente de Dante Galeffi (2015) *Didática filosófica mínima*, a sua tese de livre-docência, faz uma abordagem sobre o “fazer-aprender a pensar”, numa perspectiva mais abrangente, isto é, compreendendo a educação e não somente a disciplina Filosofia, de maneira “própria e apropriada”, e o filosófico torna-se um signo da atitude aprendente radical. Refletiremos doravante, entre outros assuntos, a mudança do foco do ensinar para o verbo aprender, em síntese, e, antes de tudo, compreendermos a mediação.

Portanto, ensinar é também deixar que o aprendiz aprenda por si mesmo o que lhe apetece e interessa, utilizando as orientações, indicações, exposições e elucidações dadas pelo ensinante. E assim o ‘ensinar’ muda de figura, deixando de ser um dispositivo de transmissão do saber e do conhecimento já dado para se tornar uma mediação corriadora do conhecimento próprio e apropriado. Pois o que se ensina nesta perspectiva é o que pode ser aprendido por quem aprende. (GALEFFI, 2015, p. 45).

Galeffi (2015) compreende a educação como uma construção de signos, significados e interpretações do “mundo-aí”. O professor é o mediador da prática pedagógica e, ao mesmo tempo construtor de novos conhecimentos, junto aos aprendentes, através do estudo, da pesquisa e das relações dialógico-reflexivas para o aprender “a ser-sendo-no-mundo-com”.

Põe de lado a pouco ou nada frutífera atitude de transmissão do conhecimento e aposta na aprendizagem ou atitude aprendente – como paradigma educacional do século XXI. A questão é o aprender ou, se alguém preferir, o verbo ensinar, e algo só pode ser ensinado na perspectiva de “o que pode ser aprendido por quem aprende”.

O educador que concebe a mediação como dialógica e problematizadora procura, a todo o momento, suscitar no sujeito aprendente uma atitude de reflexão, a partir daquilo que é proposto (texto, imagem, tema). O objetivo desta prática pedagógica é instaurar a construção do conhecimento a partir da compreensão do próprio sujeito e não do professor.

Deixar que ele mesmo escreva, fale e construa o seu próprio entendimento, porquanto aquilo a que o sujeito dá significado existe para ele: é uma aprendizagem ativa. Diferente daquela aula em que o professor fica o tempo todo falando e pouco



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

produz. O mediador deve buscar alguma estratégia para que o sujeito tenha autonomia?, construa o seu conhecimento e, durante as aulas, esteja em sintonia com aquilo que é discutido.

No artigo *Fazer-aprender filosofia: o que é isto?*, Dante Galeffi (2005), demonstra a relevância de uma atitude filosófica na perspectiva da atitude aprendente e, entre outras questões, pergunta “qual é mesmo, então, o modo correto de se ensinar filosofia para iniciantes?” (GALEFFI, 2005, p.1-2). Nesse contexto, Galeffi percebe que aquilo que se ensina para os jovens são conteúdos padronizados e de acordo à norma da tradição filosófica. Perguntamos, se o que se chama de ensino de Filosofia não seria um ensino *enlatado*, no qual bastaria ao estudante reproduzir aquilo que já está escrito nos Livros Didáticos?

É isso que os professores de Filosofia devem pensar: qual a Filosofia que eu procuro ensinar? Será que se ensina Filosofia? Qual Filosofia se ensina? Como se ensina Filosofia? Para Galeffi não se ensina Filosofia, mas se aprende a filosofar num “fazer-aprender”, isto é, um “aprender-fazendo”, um aprender a “pensar-pensando”. Neste sentido é que o professor deve avaliar se ele busca instaurar uma filosofia para os jovens ou construir uma filosofia, um pensar com os jovens. A preposição dá a idéia de algo pronto, enquanto a palavra *com* soa como uma atividade que é construída conjuntamente.

Galeffi (2005) traz uma reflexão sobre a Filosofia como um fazer conceitual, “o filosofar é uma usinação de conceitos, uma invenção de linhas de fuga desejantes de ser-endo, ela não deveria merecer a mesma sorte de uma disciplina que se ministra na configuração de *modelo e cópia*”. (DELEUZE; GUATARRI *apud* GALEFFI, 2005, p. 5).

Para Galeffi pensar é uma produção de pensamentos condizentes a partir do que se dialoga, próprio e apropriado. Pensar é enunciar signos no silêncio de si mesmo e/ou falar numa sintonia com o contexto, ou seja, coerente com o diálogo do qual se pensa e fala, ouve e responde. É recuperar o que o outro diz, mas pensar é um – sendo – entre aquilo que existe e aquilo que não existe e pode ser. Pensar é um “poder-ser”. Neste sentido, pensar é um texto num contexto, condizente com o pensado/falado e, também,

⁹ É um desafio para o educador, sobretudo, em turmas que não tenham o hábito da leitura. Entretanto, o educador que deseja fazer a diferença deve perseguir a sua concepção pedagógica e promover uma atitude aprendente em seus educandos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

poemático, tendo como característica a (re)criação – o poder de inventar e transcender a cópia condizentemente.

Dante Galeffi faz uma pergunta pertinente: como tornar acessível o mundo dos conceitos a iniciantes? E responde:

A tradição filosófica vigente, em geral, prima em paradigmaticar o ensino filosófico, como se o mesmo pudesse ser objetivado do mesmo modo como são objetivados os produtos da ciência regular. Isto, de algum modo, só faz mostrar o tamanho da impotência diante da incomensurabilidade do que significa pensar propriamente. Não é elaborando um método certo que se poderá resolver a questão do ensino de filosofia para iniciantes. Em filosofia o único método certo é aquele da *formatividade* operante. Isto significa dizer que só se aprende a filosofar, filosofando [...]. (GALEFFI, 2005, p. 6).

Concordamos com Dante Galeffi, no sentido de que, no pretense ensino de Filosofia, existe um modelo daquilo que deve ser ensinado, como conteúdos objetivados, como se o bom ensino fosse aquele que pudesse ser repetido sempre como critério do certo, uma tentativa de homogeneizar o pensamento. Este método potencializa a memória, se é que o consegue, ao tempo em que poda a inventividade do ser humano, em seu vigor de florescimento.

Galeffi critica o método normativo da tradição filosófica, tendo como fim apenas um círculo da imitação; entretanto isso não significa que não devemos dialogar com os pensadores. O autor responde como “fazer-aprender” por conceitos, se “aprende a filosofar filosofando”. Nota-se a presença do verbo no gerúndio – filosofando, o qual expressa uma ação, um movimento, isto é, uma ação que acontece no momento em que se fala, uma atividade do pensamento.

Construir conceitos é a experiência viva da arte de aprender a pensar. O pensar é uma maneira de fazer que, no fazer, inventa e aprende o jeito próprio de ser. “Não se pode pensar sem fazer propriamente. No aprender a fazer conceitos consiste a atividade filosófica. Seu ensino deve fazer-aprender ao modo da arte: sempre aberto ao fulgor inventivo [...]”. (GALEFFI, 2005, p. 6).

No texto *A Epistemologia do Educar na Perspectiva da Interdisciplinaridade*, Galeffi pergunta sobre o que é necessário para a construção pedagógica interdisciplinar, que, para ele, deve ser alicerçada no processo aprendente, no saber fazer-aprender. Entendemos que é preciso sair da posição subalterna e hierarquizante para a de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“mediador-aprendente”: aquele deve ressignificar a sua prática e este, crescer em sua autonomia de aprendizado. Deve-se questionar *o que significa educar para cada um*. Para responder, cada um precisa “realizar um retorno radical sobre si mesmos”. (GALEFFI, 2003, p. 79).

Galeffi (2003) pressupõe à questão da interdisciplinaridade o sentido da educação, de qual educação se quer. Como realizar esse modelo de formação do homem? Dante Galeffi trabalha com o fenômeno da transdisciplinaridade e para ele a diferença não é uma gradação, mas uma diferença de natureza dos operadores do conhecimento. Para instaurar a interdisciplinaridade, esta deve estar “fundada no processo aprendente, isto é, no saber fazer-aprender”. Como a escola vigente é fechada e disciplinar, é necessário uma “revolução do indivíduo e no interior do indivíduo [...] é a possibilidade de uma educação humana capaz de fazer-aprender a ser. [...] É preciso aprender a ser”. (GALEFFI, 2003, p. 79).

Mas, o que é aprender a ser? Não se quer um “ser genérico e vazio”, o mesmo aponta para o ser “que cada um é enquanto existe”, cada um em sua especificidade existencial. Aprender a ser é o mesmo que “tornar-se pessoa autônoma e inventiva”. (GALEFFI, 2003, p. 80). Galeffi vai desdobrando o mistério do ser o qual se des-vela em sua reflexão sobre o ser, o mesmo ser que somos, sempre sendo, num constante vir-a-ser, únicos e irrepetíveis, em um processo de individuação. A dádiva do ser que é!

Esta imagem do aprender a ser passa a adquirir um novo significado na medida em que realizamos em nós mesmos a experiência da individuação pessoal do sentido ontológico do nosso ser-no-mundo. Afinal, quem é este ser que nós mesmos podemos ser? [...] Coloca o sentido do ser de uma forma aprendente, isto é, não como conteúdo a ser assimilado pela memória, mas como atitude a ser praticada por cada um em particular [...]. (GALEFFI, 2003, p. 80).

O ser não é desgarrado das suas condições prévias, históricas e culturais, por isso existe uma série de condicionamentos; entretanto, Galeffi (2001) pensa o ser, que é cada um de nós, como um poder-ser livre. O ser não está terminado, ele é-sendo, sempre gestado num processo de transformação e (re)significação constante no mundo.

A educação ontologicamente, não são conteúdos didáticos e acumulativos pela memória. Antes, o ser os utiliza como matéria-prima para se plasmar e se significar a si mesmo, ou seja, a sua própria vida. Portanto, o problema do ser que podemos nos tornar

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“coloca o sentido do ser de uma forma aprendente”. Nada está dado, a todo instante estamos aprendendo a ser e, não como uma teoria, “mas como **atitude** a ser praticada” por cada um. (GALEFFI, 2003, p. 80).

Para atingirmos o “saber-ser”, ou melhor, o “fazer-aprender a ser”, devemos nos apropriarmos de uma atitude fenomenológica – o retorno radical a si mesmo – proposta por Edmund Husserl na fenomenologia, e apropriada por Dante Galeffi (2003) e, evidentemente por cada um de nós em particular. O retorno a si mesmo é o ponto de partida para a realização de uma epistemologia do educar a qual possa fazer o processo formativo pedagógico “um saber fazer-aprender a ser”.

De acordo Dante Galeffi (2003, p. 84),

A atitude fenomenológica que aqui coloco como ponto de partida para a construção de uma epistemologia do educar, centrada no saber fazer-aprender a ser é a chave crítica para a edificação das bases de uma nova ciência do educar aprendente: ciência aberta ao acontecimento do ser-sendo; ciência unida pelo viés da multiplicidade e da diferença ontológica essencial entre o ser e o ente.

A epistemologia do educar é uma compreensão poemática-pedagógica para um fazer-aprender a ser, através da atitude fenomenológica no caminho do poder-ser livre. Para isso é necessário aguçar a nossa atitude filosófica no intuito de aprendermos a filosofar.

A atitude filosófica como fio condutor para a atitude transdisciplinar

O texto de Galeffi (2013) contribui para compreendermos os fenômenos inter e transdisciplinares de uma maneira mais pedagógica e menos científica, pois, segundo o autor, há um conflito entre o disciplinar e o transdisciplinar que se orienta da passagem do disciplinar para o transdisciplinar e do “ensinar” para o “fazer-aprender” Filosofia como atividade criadora.

Fruto de uma escola secular, o disciplinar se torna sinônimo de fragmentação das áreas do conhecimento. O autor critica que o “currículo formado por disciplinas que tratam cada uma de campos de conhecimentos distintos, sem que se tenha estabelecido em algum momento uma interação dialógica de todas elas”. (GALEFFI, 2013, p. 3).

O filósofo do “ser-sendo” interroga sobre qual filosofia ensinar hoje. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia deixou de ser um saber abrangente para se tornar uma atividade profissional e, assim nas escolas, ensina-se a história da Filosofia. O jovem professor, cheio de entusiasmo, vai à escola e, ao chegar, depara-se com um ensino fragmentado, apesar de que “há professores de filosofia que mesmo na educação disciplinar fazem a diferença [...] pelo seu modo de filosofar propriamente.” (GALEFFI, 2013, p. 6).

Segundo Galeffi há um crescimento da pesquisa filosófica na área educacional e isso é positivo, mas o jovem professor, ao chegar à escola, “se esbarra com o muro da disciplinaridade” (2013, p. 7). “Há o conflito entre [...] a educação fechada, disciplinar, parece caber ensinar filosofia como história da filosofia. Entretanto, na escola aberta e na própria escola que se abre [para a educação transdisciplinar] não cabe ‘ensinar’ filosofia e sim ‘fazer-aprender filosofar’” (GALEFFI, 2013, p. 8). Muito embora o modo transdisciplinar não se encontre nas escolas disciplinares de ensino.

Dante Galeffi (2013, p.8) considera a atividade filosófica como transdisciplinar e explica que a mesma não são temas transversais. De acordo com Galeffi, “ninguém nunca pôs até agora a questão da atitude filosófica como uma inerente atitude transdisciplinar, pelo fato de esta ultrapassar o ‘disciplinar’ em sua busca pela totalidade” (2013, p. 9). A atitude filosófica “não é o resultado da assimilação de conteúdos, mas o próprio método filosófico por excelência e o mais rigoroso, [...] não quer dizer que seja acessível para poucos, e sim que o filosofar só faz sentido para o ser vivo capaz de buscar a si mesmo” (2013, p. 9).

Acerca da atitude filosófica, Galeffi afirma:

É pela e na atitude filosófica que se aprende a filosofar. Filósofa-se quando se procura investigar os próprios pensamentos e se procura aprender sobre os diferentes perfis que conectam a vida humana singular [...]. Uma investigação que não tem circunscrições, apesar de ter horizontes temáticos [...]. Então, o filósofo passa do tema do mundo para o tema da alma, do tema da alma para o tema da lógica, deste para aquele da ética, da política e da estética. Tudo, porém, está ligado pela atitude filosófica que não é disciplinar, que não é linear [...]. (GALEFFI, 2013, p. 9).

Dante Galeffi preconiza o caminho interrogante do pensamento. É pela curiosidade epistemológica (FREIRE, 2002b) que o ser humano vai sendo movido na busca pelo conhecimento das coisas da vida. É a indagação constante diante dos acontecimentos significativos, pelo qual o ser humano vai desvelando o silêncio dos

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fenômenos de si mesmo e do outro.

Uma investigação do pensamento sobre o pensamento daquilo que afeta o ser. O que afeta o ser é importante para a pessoa e se deve lançar mão da atitude filosófica para efetuar uma investigação rigorosa, não linear, não disciplinar. Portanto, para Galeffi (2015) a atitude filosófica é o fio condutor para a atitude transdisciplinar. Atitude própria do ser humano, mas que deve ser exercitada. O ser humano é convidado a sair do estado de acomodação mental para se pôr a caminho sempre. Deste modo o “*ser-sendo*” vai aprendendo a pensar pensando, falando, escrevendo, vivendo. Dessa forma, Dante Galeffi (2013) nos diz:

O filosofar que compreendo como transdisciplinar não podendo ser ensinado pode, entretanto, ser realizado como atividade investigativa permanente. Mas esta perspectiva não faz sentido na escola disciplinar, sendo inclusive um elemento destruidor do arranjo disciplinar vigente. O filosofar transdisciplinar não é regido pela mecânica do conhecimento sedimentado e instituído, pois se guia pelo indeterminado e pela abertura radical para a investigação do sentido-sendo. (GALEFFI, 2013, p. 10).

Galeffi é coerente com a sua tese de que a filosofia não se ensina, mas se aprende a filosofar. De outra forma a reafirma, ao dizer que o filosofar não é ensinado, mas pode se realizar como uma atividade do pensamento humano, por meio da investigação constante. O filósofo, não como o profissional da Filosofia que se debruça na hermenêutica e historicização do passado filosófico sem o vigor do pensar acerca dos acontecimentos significativos do “*ser-sendo-no-mundo-com*”, em seu processo de individuação e formatividade. O ser-em-si no seu caminho de florescimento próprio, em cada passo aprendendo a aprender a ser-ele.

Não que tenhamos objeção a uma outra forma histórica de filosofar, mas, pensando com Dante Galeffi, buscamos o filosofar em sua radicalidade como atitude filosófica, retomando e fazendo da Filosofia aquilo que é próprio do pensar – em sua originalidade grega – um caminho problematizante sobre temas e questões que produzem inquietação no ser e despertam nele o desejo de saber-ser.

A atitude filosófica é uma questão importante na compreensão de Galeffi, quando afirma: “compreendo que pela atitude filosófica fica garantida toda atividade filosofante sem a perda da especificidade filosófica: a radicalidade do ponto de partida,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que é uma disposição amorosa ao diálogo interrogante, questionador imprevisível”. (2013, p. 10).

O acontecimento desta nova formação filosófica na perspectiva da atitude filosófica transdisciplinar, na educação básica, de acordo com Galeffi, requer “outra escola”, uma outra forma de pensar o conhecimento. Na dinâmica propositiva de Morin (2011), não precisamos de uma cabeça cheia de conteúdos, mas de um novo modo de pensar no qual os sujeitos cognoscentes saibam pensar e organizar os novos saberes relacionando-os um com o outro, lançando mão da criatividade, de pesquisar, isto é, “um filosofar que seja uma continuada oficina de criação de descrições das vivências cognitivas próprias”. (GALEFFI, 2013, p. 11).

O conhecimento transdisciplinar, para Dante Galeffi, na escola básica, parece-nos um sonho, não por ser uma utopia, entretanto, por poder ser desmontada por quem está aí, os professores. Como instaurar a transdisciplinaridade, na perspectiva galeffiana, se os professores foram formados na escola disciplinar? Esta é uma problemática que nos leva a pensar e fazer uma provocação de pensar a transdisciplinaridade não mais como um sonho, como disse Hilton Japiassu (1976), mas como uma possibilidade, a partir do momento em que se oferecem alternativas para os novos educadores.

Se ficarmos reproduzindo o enunciado acima, a nova educação, a qual se quer, aberta e transdisciplinar não sairá da dimensão onírica para a realidade. Não importa se será imediata, o que interessa é sempre provocar como evento das possibilidades. Onde está o “sendo” da educação?

Até quando continuaremos reproduzindo um educar verificacionista, baseado na medida, e medir o desempenho cognitivo dos estudantes pela quantidade de conteúdos memorizados? Será que o ser humano é um recipiente para absorver aquilo que é transmitido? O que falar da cultura da cópia? Ou se um ser dotado de genialidade para criação, invenção e reflexão na (re)construção do conhecimento numa comunidade investigativa e dialógica? É isso que Galeffi preconiza, uma educação formativa de seres humanos inventivos e autônomos.

Para que nos posicionemos nesta nova epistemologia do educar galeffiana, acreditamos na dimensão educativa aberta e das possibilidades de uma educação como atitude filosófica, aprendente e transdisciplinar para o novo milênio. Anunciamos então,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a ultrapassagem da escola fechada e disciplinarizada, na qual propomos uma educação transdisciplinar, na perspectiva da atitude filosófica. Dante Galeffi compreende “por atitude transdisciplinar, a própria atitude filosófica, que também [chama] de atitude aprendente radical e, por atitude filosófica, a própria busca do saber total que nunca alcança em sua totalidade intuída, mas que sempre impulsiona a dinâmica do pensar humano”. (2013, p. 12).

Na nova epistemologia do educar galeffiana é preciso entender a atitude transdisciplinar e já explicada. Cabe elucidar melhor a atitude aprendente, a atitude filosófica, o autoconhecimento e a atitude dialógica no ensino-aprendizagem. A construção do aprender a pensar e do aprender a ser são tarefas essenciais na vida humana e devem ser (re)construídas pela própria pessoa, ainda que tenha a mediação de diversos educadores em todo o processo educativo.

Devemos lembrar que a formação do ser humano acontece de dentro para fora, como uma conquista gradativa da autonomia do ser e não como uma imposição constituída em nossa tradição educacional e vigente. Não podemos negar que é um processo dialético toda essa socialização do “ser-sendo-no-mundo-com”, na qual se espera que o ser conquiste cada vez mais a si mesmo. É para isso que existe a educação para que o ser se torne ele mesmo, de fato, livre e autônomo.

Em relação a essa discussão da formação humana, o vocábulo educação se origina de dois termos latinos: *educare* e *educere*. Os termos estão no âmbito educativo, entretanto são duas perspectivas educacionais distintas e expressam, um deles, o modelo tradicional, “a educação bancária” e o outro se aproxima do que Paulo Freire (2002) chamou de “educação libertadora”.

A expressão *educare* significa criar, nutrir, ensinar, conduzir o sujeito de um lugar onde ele se encontra para outro que se deseja alcançar. Refere-se à ação do educador sobre o estudante, cuja intenção é o desenvolvimento do aluno. O professor é quem determina o “modelo” educacional do sujeito que se quer formar, muito influenciado pela visão de mundo do educador, é um processo exógeno, isto é, de dentro para fora. Concebe o aluno como um recipiente de informações, e a relação pedagógica se centra no ensino.

Educere significa extrair, fazer nascer, tirar de, provoca a atualização de algo



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

latente, promover o surgimento, de dentro para fora, das potencialidades que o indivíduo possui. A iniciativa da aprendizagem cabe mais ao educando do que ao educador, uma vez que nesse vocábulo predomina o auto, o ‘endo’, o interno. O ser é compreendido como dotado de potencialidades próprias, a prática educativa está baseada no aprender e para isto se propõem metodologias ativas.

De acordo com Galeffi (2003), na atitude aprendente,

A figura do ensinar dá lugar à figura do fazer-aprender. Não se trata mais de ensinar, mas de fazer-aprender. O professor não tem que ensinar nada, mas tem que saber fazer-aprender. Este é o tema principal de uma epistemologia do educar aqui batizada de poemático-pedagógica: o fazer aprendente autônomo e inventivo. (GALEFFI, 2003, p. 78).

O foco deixa de estar no verbo ensinar e se desloca para o verbo aprender, indicando uma atividade constante, a qual mobiliza a energia do ser cognoscente para realizar uma atividade. É uma disposição do próprio ser, a fim de acontecer algo. É possível o ser não aprender? Deste modo alcançamos o âmbito da atitude aprendente em sua aderência ao ser, por assim dizer, a aprendizagem é uma condição inerente à pessoa humana. Nada mais natural do que a epistemologia do educar acolher e propor aquilo que já é próprio da natureza do sujeito – aprender, e o aprender a ser, este aprende, aprendendo, a fazer, fazendo, vivendo e coexistindo.

A atitude filosófica para Galeffi (2013) se mostra

Como algo da ordem do pessoal e intransferível, como a vida de cada um. Ninguém pode viver por ninguém. Não se pode filosofar, a rigor, senão em sentido próprio e apropriado. E este é o plano da diferença entre um filosofar disciplinar, fechado, para um filosofar transdisciplinar, aberto. Um salto de natureza e não apenas uma diferença de grau. Quase uma retomada do horizonte filosófico grego aberto pelo espanto da unidade de tudo [...]. (GALEFFI, 2013, p. 13).

O aprender a ser, bem como o aprender a filosofar ou pensar melhor é uma atividade criadora do espírito humano de cada ser em sua condição de individuação. Precede o aprender a filosofar o autoconhecimento e, se conhece conhecendo o outro, percebendo as diferenças, quando vislumbramos a nós mesmos.

Dante Galeffi tem em mira a formação humana,

A atitude filosófica constituindo o núcleo de formação de todo ser humano, como uma apropriação vital de cada um em sua



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

singularidade. É neste sentido que posso usar o termo ‘ensinar’ filosofia compreendendo a disposição para o acompanhamento do desenvolvimento de seres humanos em formação, no que diz respeito à capacidade de pensar corretamente em atos e palavras. O professor de filosofia estaria ocupando a mesma posição do ‘parteiro’, se ocupando em acompanhar cada parturiente em seu florescimento. (GALEFFI, 2013, p. 13).

Refletindo com Galeffi, a atitude filosófica é fundamental na concepção filosófica para o ensino de Filosofia na educação básica. Essa atitude deveria abranger toda a educação básica, haja vista que é impossível fazer um trabalho mais intenso com os jovens somente em uma ou duas aulas de Filosofia por semana. Com a atitude dialógica e reflexiva seria potencializado o processo de ensino-aprendizagem das outras matérias: Português, História, Geografia, Matemática, entre outras, sem se intervir naquilo que é próprio a cada um desses saberes.

Dessa maneira, uma educação focalizada na formação de sujeitos reflexivos e dialógicos, discutindo aspectos significativos da realidade, poderia promover uma educação para a liberdade e autonomia. O educador-mediador é aquele que acompanha os sujeitos aprendentes como um “parteiro” das ideias no vigor do florescimento de cada um. Neste aspecto, na compreensão de Galeffi, é possível compreender a expressão ‘ensinar’ como acompanhar, orientar, esclarecer, encorajar para o desenvolvimento do “ser-sendo” em sua singularidade criadora.

No caminho do “fazer-aprender-a-ser”, cada sujeito cognoscente passa pelo processo de individuação coexistência dialógica e dialética do seu “ser-no-mundo-com”, através da sua autopercepção ou conhecimento de si mesmo. Quanto mais o ser conhece e se autoconhece, mais alcança uma consciência de “saber-ser” e “poder-ser”, usando palavras de Dante Galeffi, ou “ser-mais”, para Freire (2002b). Para Dante Galeffi (2011) o autoconhecimento é essencial na aprendizagem do ser-sendo.

No presente texto, discutimos sobre a necessidade de repensar a didática e o conhecimento filosófico não apenas como um conhecimento que remete ao passado numa cultura de reprodução, mas, também, fazendo a abordagem de conteúdos próprios da Filosofia, problematizando-os e mostrando aos sujeitos que os assuntos discutidos têm a ver com as suas vidas.

Em outras palavras, o papel do ensino de Filosofia, ou melhor, da aprendizagem

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do filosofar é provocar o estudante, para que o mesmo aprenda a pensar. Esse movimento do pensamento o educando deverá aprender a fazer – fazendo, ou seja, pensando, a fim de descobrir a faculdade do pensar e do exercício da reflexão como um valor para a sua vida.

Conclusões

A Epistemologia do educar propõe uma formação filosófica-pedagógica para o “aprender a ser”, pois como já dissemos, o horizonte formativo é o aprender a pensar, a falar, a escrever, a ver e ler. Estes verbos funcionam como diretrizes no processo formativo do sujeito para a sua própria compreensão e a do contexto social no qual está inserido com os outros.

É necessário acreditar e promover uma atitude aprendente dos sujeitos que preconiza deslocar o foco do verbo ensinar para o de aprender. Deste modo, o educador deverá propiciar atividades por meio das quais o estudante construa o seu próprio conhecimento, resultando numa aprendizagem ativa no fazer-aprender, isto é, aprende a fazer fazendo, lendo, pesquisando, escrevendo e dialogando com os seus colegas, na sala de aula.

O diálogo, nesse contexto, é fundamental na interação do docente com os sujeitos para fazer da aula uma atividade filosófica. É no espaço pedagógico, o qual pode ser visto como uma arena, constituído de diversas opiniões, que o educador-filósofo deverá instigar o pensamento dos estudantes para o (re)pensar sobre acontecimentos importantes nas suas vida.

Portanto, essa atitude problematizadora, reflexiva, dialética e dialógica é a melhor contribuição para o “fazer-aprender-a-pensar”. O diálogo e a atitude filosófica propiciam um horizonte inter-transdisciplinar da Filosofia com outras disciplinas como a História, a Linguística, a Ética, a Estética, entre outras. (GALEFFI, 2008b).

Referências

- CABRERA, Julio; ALVES, Rafael. **Cartilha de Filósofos da América Latina**. Brasília: FIBRAL, 2013.
- DANTAS, Luís Thiago Freire. **Filosofia Africana no Ensino Médio: por uma**

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

descolonização curricular. [Especialização]. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALEFFI, Dante Augusto. “Filosofia da Educação: esboço de uma Fusão Polilógica – Fenomenológica-Analítico-Dialético-Pragmática”. *In.*: **XIV EPEN – Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste.** Salvador: UFBA, 1999.

_____. GALEFFI, Dante Augusto. **O Ser-sendo da Filosofia.** Salvador: EDUFBA, 2001.

_____. **Filosofar e Educar: Inquietações Pensantes.** Salvador: Editora Quarteto, 2003.

_____. “Fazer-aprender Filosofia: O que é isto?” *In.*: **Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**, 2005, Belém. XVII EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste -Educação, Ciência e Desenvolvimento Social, 2005. v. 1. p. 1-11

_____. O Diálogo na Formação Transdisciplinar do Educador-filósofo. *Childhood&philosophy.* Rio de Janeiro, v. 4 n. 7 jan/jun. 2008b.

_____. **Por que Ensinar Filosofia Hoje?** 2013. [Apresentação de trabalho].

_____. **Didática Filosófica Mínima.** Ano 2015 - [Trabalho não publicado].

GALLO, Sílvio. “Prefácio” *In.*: RODRIGO, Ligia Maria. **Filosofia em Sala de Aula.** Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento .** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003,

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.

RODRIGO, Ligia Maria. **Filosofia em Sala de Aula.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.